

O agente secreto

O Jornal [Lisboa] 28 de Setembro de 1990

Raul Domingos, dirigente da Renamo foi mesmo convidado a sair do País para não se encontrar com o chefe de gabinete de Mário Soares, nem tão pouco com Deus Pinheiro. Tudo indica que o artífice desta manobra tenha sido o próprio Durão Barroso em versão de James Bond à portuguesa

MÁRIO SOARES deu ontem à tarde um puxão de orelhas a Cavaco Silva durante a habitual reunião de trabalho das quintas-feiras. O gesto ficou a dever-se, segundo as nossas fontes, ao modo como o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Durão Barroso, actuou a propósito do caso do dirigente da Renamo, Raul Domingos.

O Presidente da República ter-se-á queixado a Cavaco Silva da marginalização de que vem sendo alvo sobre a temática africana e designadamente da falta de informação que possui quer relativamente ao processo de negociações entre o MPLA e a Unita, quer sobre as conversações de Roma entre a Frelimo e a Renamo.

Recorde-se que o chefe do Executivo tem actuado sempre nesta matéria à revelia do Presidente, funcionando em estreita articulação com Durão Barroso.

A história do rapto de Raul Domingos na semana passada, divulgada muito parcialmente pelo semanário «Independente» foi-nos confirmada por uma

personalidade que seguiu todos os bastidores desta intrincada manobra diplomática.

Com efeito, o mais grave é que terá partido do próprio Durão Barroso, com o consentimento de Cavaco Silva, a ideia de «desviar» Raul Domingos do País, de modo a não se avistar nem com o embaixador Nunes Barata, chefe de gabinete do Presidente da República, nem com o próprio ministro dos Negócios Estrangeiros. Para isso, utilizou a chamada conexão portuguesa da Renamo que surge pela primeira vez claramente relacionada com os Serviços de Informação Militares, chefiados pelo brigadeiro Chito Rodrigues directamente dependente do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, general Soares Carneiro.

Fontes dignas do maior crédito revelaram-nos que o apartamento normalmente utilizado pelos dirigentes da Renamo em Lisboa é emprestado pelos próprios Serviços de Informação Militares de forma a poderem controlar de modo mais adequado as suas movimenta-



Durão e o círculo africano
James Bond foi lépido de mais

ções na capital portuguesa.

Por outro lado, a concessão de vistos para a entrada dos dirigentes da Renamo em Portugal depende em grande parte do SIM, pelo que há uma natural cumplicidade entre a secretaria militar e os dirigentes da Renamo. Foi exactamente esta cumplicidade que levou os agentes Filipe e Oliveira Marques a contactar, no passado dia 19 de Setembro, Raul Domingos convidando-o a antecipar por 24 horas a sua saída do País.

Para o efeito, o SIM nem sequer necessitou de o raptar, bastando uma ligeira ameaça de dificuldades em voltar a pisar território português. Naturalmente, acrescentaram as nossas fontes, os dois agentes envolvidos na operação limitaram-se a

cumprir ordens superiores directamente emanadas do brigadeiro Chito Rodrigues.

Quem manda no SIM?

A grande questão que o «rapto» de Raul Domingos veio no entanto levantar prende-se com a questão de se saber quem manda no SIM e quantos Serviços de Informação deverão existir efectivamente em Portugal.

Juridicamente existem três Serviços de Informações, mas só dois estão implementados: o SIS (Serviço de Informações de Segurança), dependente do ministério da Administração Interna, e o SIM. Este último depende directamente do ministro da Defesa. Acontece, no entanto, como não estão ainda em

funcionamento os Serviços de Informações Estratégicos de Defesa (SIED), destinado a recolher toda a informação do exterior, tem cabido aos militares o tratamento deste tipo de informações que se prende sobretudo com a situação existente nas ex-colónias portuguesas, designadamente em Angola e Moçambique. Todas as informações do SIM respeitantes às ex-colónias passam à margem do titular da pasta da Defesa e são dirigidas directamente para o primeiro-ministro que terá delegado a coordenação geral destas informações no secretário de Estado Durão Barroso. Só desse modo se explica o modo como este membro do Governo actuou no caso Raul Domingos.

A história do «desvio» de Raul Domingos conta-se facilmente. O chefe de gabinete do líder da Renamo, Afonso Dlakhama, José-Augusto encontra-se há algumas semanas em Portugal e entrou em contacto directo com uma personalidade próxima do Presidente da República, a quem solicitou expressamente que conseguisse marcar uma série de encontros políticos com Raul Domingos. Nesse sentido ficou acordado que o dirigente da Renamo iria ser recebido em audiência na quinta-feira da semana passada pelo chefe de gabinete de Mário Soares e que posteriormente o ministro dos Negócios Estrangeiros, Deus Pinheiro lhe ofereceria um almoço no Belém Clube. A seguir estava marcada uma Conferência de Imprensa da Renamo num hotel da capital.

O programa seria, contudo, todo alterado mesmo em cima da hora com a desmarcação dos encontros e da conferência de imprensa. Raul Domingos decidira, obviamente por sugestão do SIM, antecipar a sua partida para Roma. O objectivo do SIM tinha sido alcançado: evitar que Raul Domingos se avisasse com outras personalidades além do jovem secretário de Estado. Para a individualidade que tratou de assegurar os compromissos a atitude do SIM surge como pouco inteligente, já que foi provocar, por um lado, uma tempestade entre Durão Barroso e Deus Pinheiro e, por outro, azedar as relações entre o Governo e o Presidente da República.